

Análise epidemiológica de quadros de co-infecção viral associadas a criptococose no estado do Rio Grande do Sul no período de 1980-2010

Monique Siebra Krug^{1,*}; Walter Orlando Beys da Silva^{2,3}; Lucélia Santi^{2,3}; Marilene Henning Vainstein^{2,3, 4}

¹Graduação em Biotecnologia

²Programa de Pós-Graduação em Biologia Celular e Molecular

³Laboratório de Fungos de Importância Médica –Centro de Biotecnologia

⁴Departamento de Biologia Molecular e Biotecnologia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*e-mail: monie.krug@gmail.com

INTRODUÇÃO

Doenças infecciosas têm se mostrado mais prevalentes nas últimas décadas, onde a maioria dos casos apresenta quadros de co-infecção por diversos patógenos, tais como bactérias, vírus, fungos e protozoários. Essas doenças normalmente atingem grande número de indivíduos, o que implica em altos custos para o sistema de saúde, no que diz respeito à prevenção e tratamento. Para melhorar as estratégias de prevenção e, conseqüentemente, diminuição dos custos, estudos epidemiológicos são muito importantes na avaliação de determinadas doenças em regiões ou países. Assim, o objetivo do presente estudo foi analisar epidemiologicamente quadros de co-infecção relacionados com criptococose, incluindo infecções virais, tais como hepatites e AIDS nos últimos 30 anos no estado do Rio Grande do Sul.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nesse estudo, os prontuários de 936 pacientes do Complexo Hospitalar Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre infectados por *Cryptococcus neoformans* e *C. gattii* foram analisados. Os dados coletados foram sexo, idade, outras doenças, etnia, evolução da doença, meios de detecção e hospital proveniente. Pacientes não residentes de Porto Alegre e diagnosticados fora do Complexo foram excluídos. Pacientes com menos de 18 anos e diagnosticados antes de 1980 ou 2010 também foram excluídos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 766 pacientes com criptococose analisados, 47,52% apresentavam AIDS como quadro de co-infecção, e 3,13% hepatites virais. Dentre estes, a porcentagem de cada vírus causador de hepatite foi verificada, e o resultado obtido foi de 17% dos casos positivos para hepatite B, 46% positivos para hepatite C, e 8% dos casos positivos para ambos os vírus, permanecendo 29% de casos não identificados. Além disso, foi constatada uma incidência maior a partir de 1994 para a criptococose.

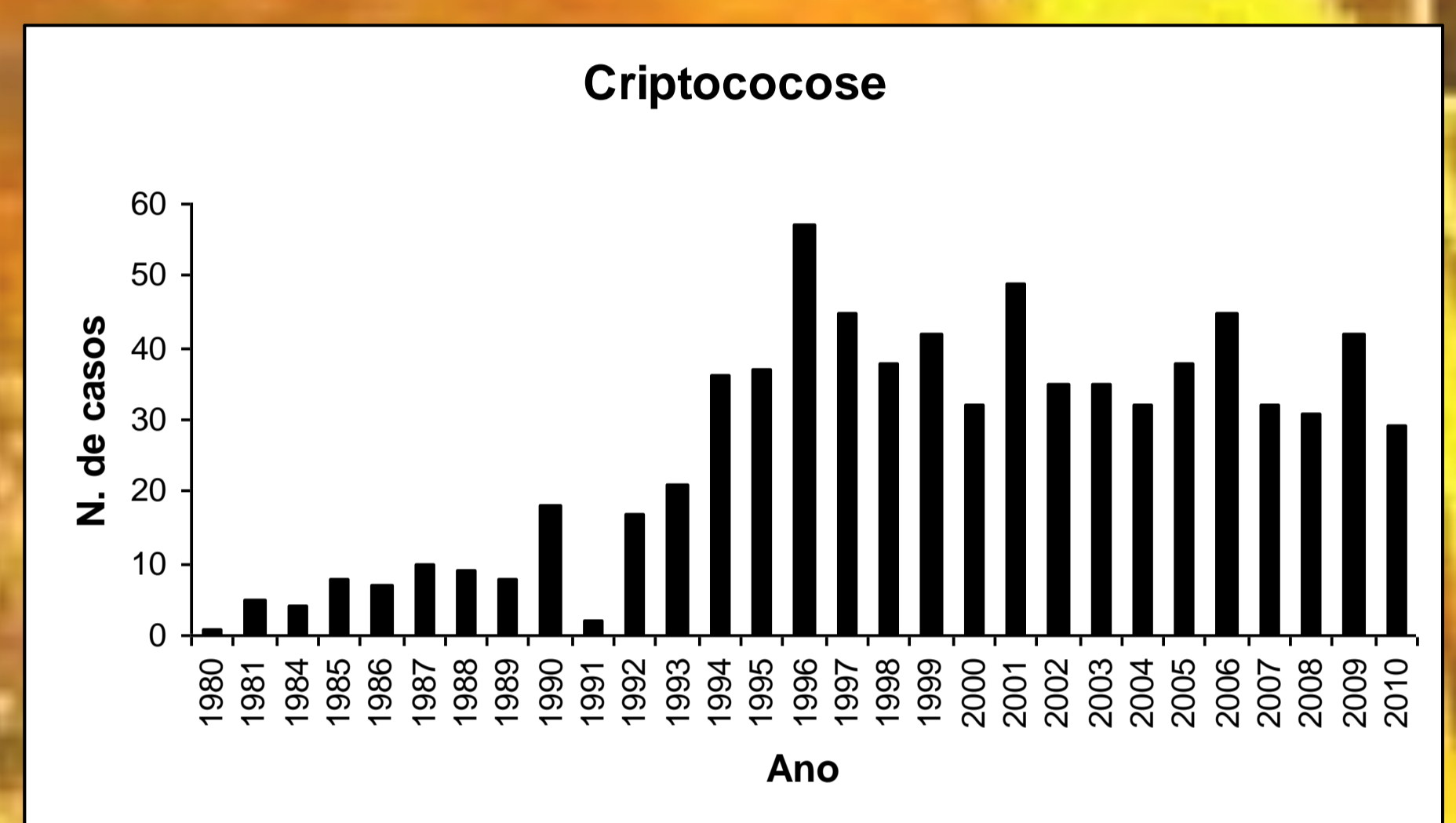


Figura 1 - Casos de criptococose nos últimos 30 anos (dados obtidos a partir de amostras recebidas pelo laboratório de Micologia, Santa Casa de Porto Alegre).

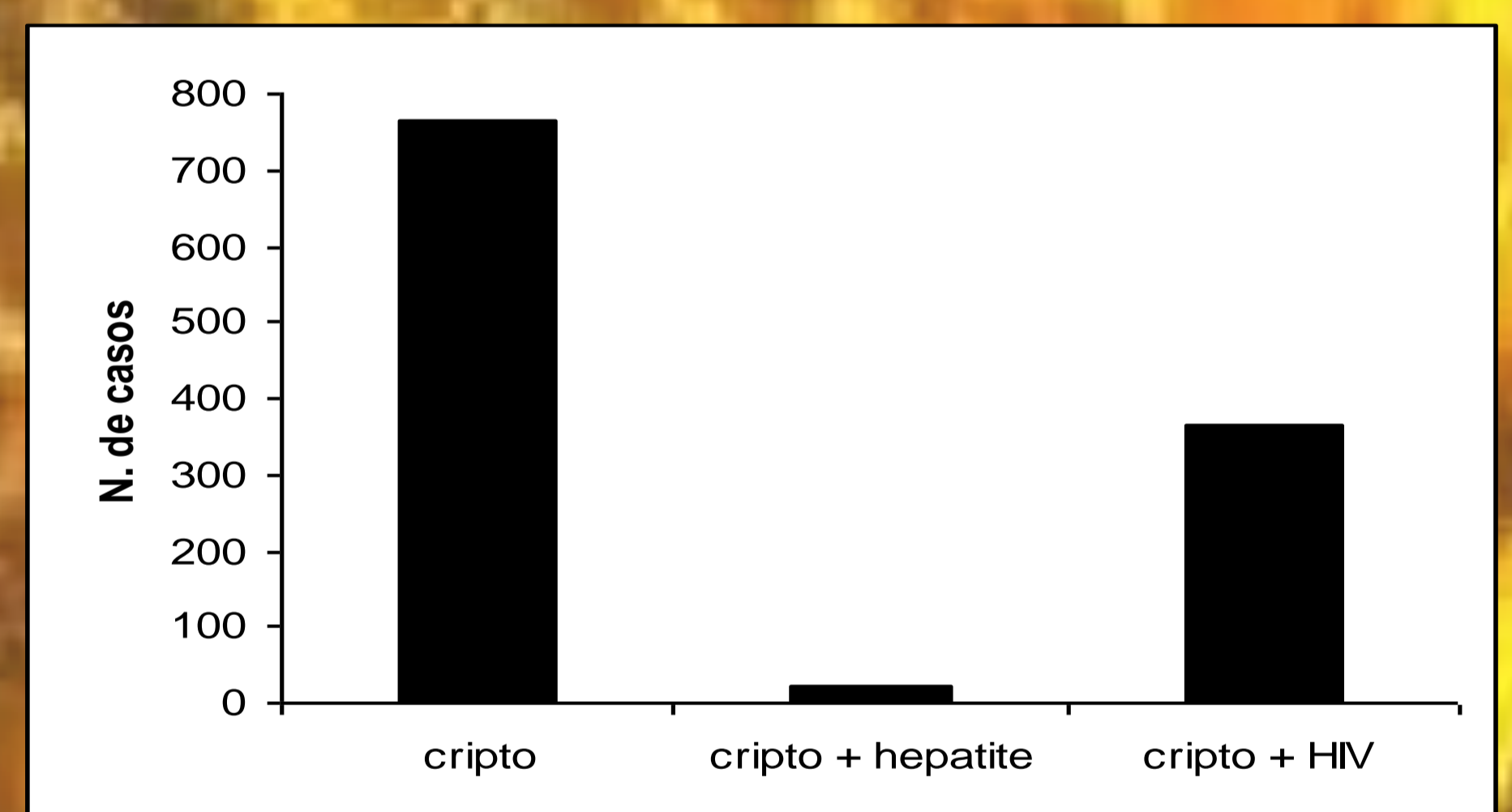


Figura 2 - Casos de co-infecção de pacientes com criptococose nos últimos 30 anos, originados da Figura 1.

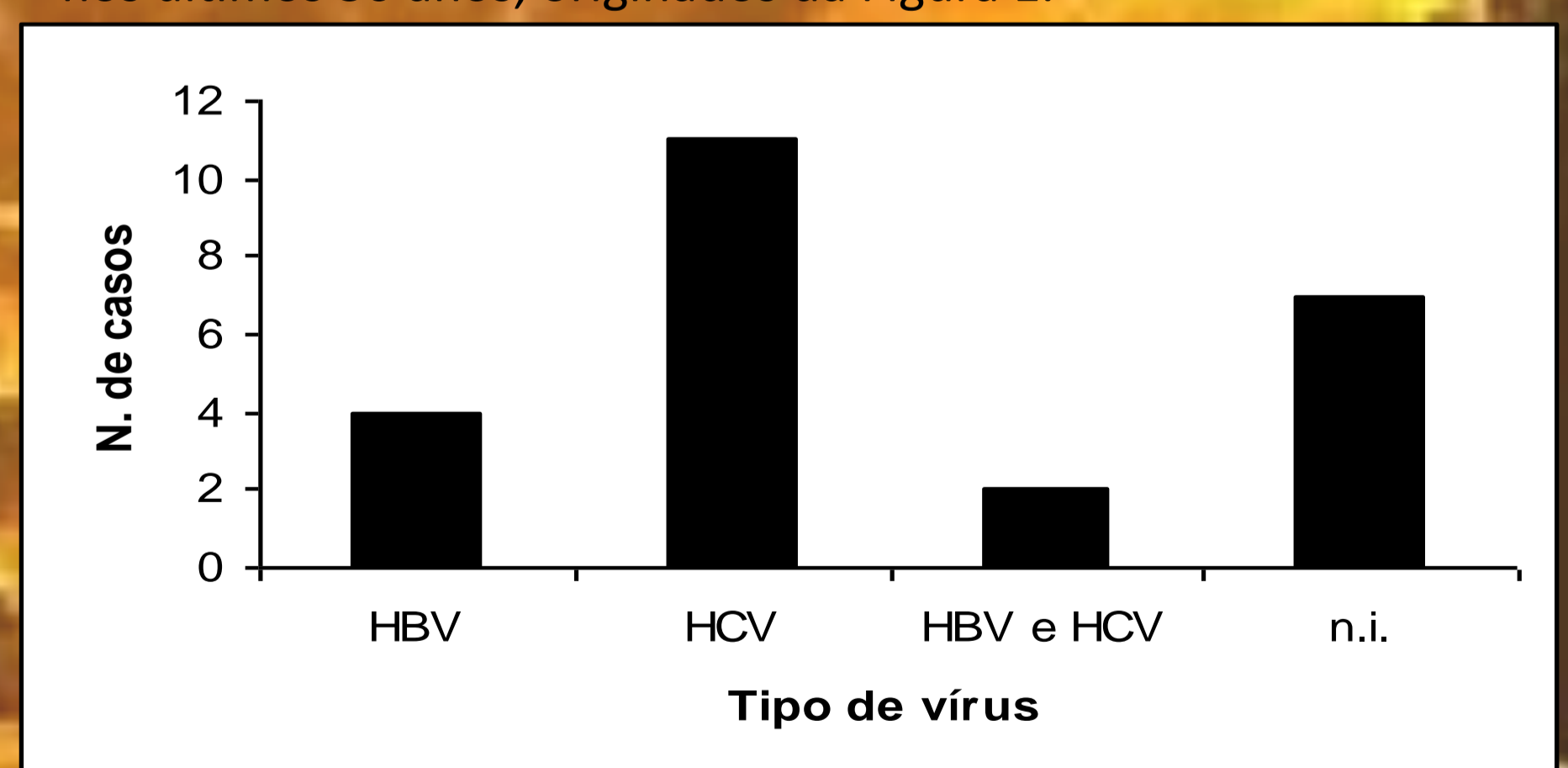


Figura 3 - Prevalência dos vírus de hepatite em pacientes co-infectados com criptococose, originados da Figura 2 (n.i. não identificados).

CONCLUSÃO

Podemos concluir que criptococose apresenta um padrão de coinfeção principalmente com HIV, enquanto que com hepatites virais não é tão comum.